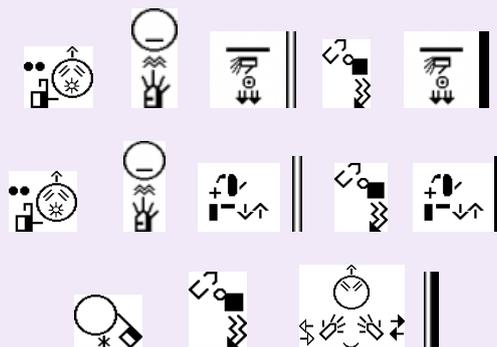


**Quem fala Português, escreve em Português.
Quem fala Inglês, escreve em Inglês.
Os surdos: escrevem em que língua?**

Marianne Rossi Stumpf*
Débora Campos Wanderley*

Resumo: O surgimento da escrita de sinais com o sistema *SignWriting* sempre traz reflexões, discussões, desafios, experimento piloto e ansiedade para ver os resultados de alfabetização das pessoas surdas. A alfabetização de surdos sempre foi o português, mesmo os que são usuários de LIBRAS, diferentes das crianças ouvintes, que tiveram o primeiro contato de escrita da língua própria ou língua materna. A escola especial dos surdos organizou em seu currículo, em 1997, uma disciplina de LIBRAS, incluindo uma das ementas a escrita de sinais. Começou a alfabetizar os primeiros surdos como experimento piloto, envolvendo algumas produções de redação com a interferência do português na escrita de sinais e outras que são diretamente da estrutura de LIBRAS. O experimento piloto se torna muito relevante para mostrar como é a alfabetização inicial dos surdos em escrita de sinais, em 1997, antes da Lei de LIBRAS, sancionada em 24 de abril de 2002.

Palavras-chaves: Alfabetização. Língua Brasileira de Sinais. Interferência.



**WHO SPEAK PORTUGUESE, WRITING IN PORTUGUESE.
WHO SPEAK ENGLISH, WRITING IN ENGLISH.
THE DEAF: WHAT LANGUAGE WRITES?**

*Marianne Rossi Stumpf é professora da Pós-Graduação em Linguística e Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina.

*Débora Campos Wanderley é professora de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina.

Abstract: The appearance of *SignWriting* always brings reflections, discussions, challenges, pilot experiment and anxiety to see the results of literacy among deaf people. The literacy deaf has always been the Portuguese, even though they are users of LIBRAS, different children listeners who had written the first contact of own language or mother tongue. The special school of the deaf organized on your curriculum to a discipline of LIBRAS in 1997 including one of the menus is signwriting began to alphabetize the first deaf as a pilot experiment, involving some writing productions with Portuguese interference in the signwriting and others productions are directly LIBRAS structure. The pilot experiment becomes very important to show how the initial literacy of the deaf in signwriting, in 1997, before LIBRAS law, sanctioned on April 24, 2002.

Keywords: Literacy. Brazilian Sign Language. Interference.

1. Introdução

As línguas de sinais, línguas de modalidade espaço-visual ou gestual-visual fazem parte essencial para as expressões produtivas por excelência das pessoas surdas. No Brasil, além da Kaapor Brasileira (LSKB) usada na floresta Amazônica, no estado do Maranhão (Ferreira Brito, 1984), há também a Língua Brasileira dos Sinais (LIBRAS) utilizada por surdos brasileiros nas atividades sociais em que o português não é exigido (Associações de surdos, encontros familiares ou de amigos e atividades profissionais onde há presença de um certo número de surdos).

Os termos “*surdo*” e “*surdez*” são preferidos por se considerar que “*deficiente auditivo*” e “*deficiência auditiva*” são termos usados por quem esconde preconceitos com relação às pessoas surdas, cuja falta de audição levou-as a desenvolverem habilidades específicas como, por exemplo, uma língua de sinais. Uma criança ouvinte aprende espontaneamente e sem dificuldades a língua falada em seu ambiente e essa é a melhor forma de aprender uma língua. Isso é muito importante para a criança, porque lhe permite comunicar-se desde muito pequena com as pessoas que a rodeiam.

Uma criança surda não ouve para adquirir a língua oral como os ouvintes, então, aprenderá tardiamente, com grandes dificuldades e, após muitos treinos, estará atrasada na aprendizagem, e dominará com limites e de forma muito distorcida em relação aos ouvintes.

Uma das maiores dificuldades na educação de surdos é a que se refere à aprendizagem da leitura e da escrita falada na sociedade em que vivem. Isso ocorre porque para o domínio da escrita é preciso um domínio da língua falada, o que para os surdos em geral não ocorre de maneira natural.

A língua dos surdos, aquela que eles percebem e produzem de maneira natural, é a língua de sinais como a primeira língua (L1). A Língua Portuguesa, no caso do Brasil, é considerada como uma segunda língua (L2), e como tal, necessita de metodologias e recursos adequados para sua transmissão e aquisição, já que consideram a L1 como língua de referência. Uma consequência disto é o notável atraso em geral observado na escolaridade do surdo e a pouca participação deles na área acadêmica.

Na educação dos surdos, recentemente, favorece o uso do sistema *SignWriting*, como maior oportunidade para a conquista do conhecimento, da liberdade de expressão e desenvolvimento intelectual, permitindo as novas possibilidades de aprender outras línguas na escrita, sendo duas modalidades: oral-auditiva e gestual-visual.

2 Organização das Línguas de Sinais

Os termos oral-auditivo e gestual-visual são diferenciados pela maneira como as línguas são produzidas e percebidas. Para as línguas orais utiliza-se o termo oral-auditivo e para as línguas de sinais, o gestual-visual, no qual gestual significa o conjunto de elementos linguísticos manuais, corporais e faciais necessários para a articulação do sinal. Karnopp (KAR, 94) cita que nas línguas de sinais, enquanto o emissor constrói uma sentença a partir destes elementos, o receptor utiliza os olhos ao invés dos ouvidos para entender o que está sendo comunicado. Dessa forma, já que a informação linguística é recebida pelos olhos, os sinais são construídos de acordo com as possibilidades perpetuais do sistema visual humano.

Quanto à construção de um sinal, este pode ser icônico ou arbitrário. Os icônicos reproduzem a forma e o sentido ou o movimento do que se quer referir. Isso torna o sinal mais transparente, mais fácil de ser entendido. Porém, Karnopp, (KAR, 94), em seu estudo mostra que pesquisadores concluem que a iconicidade não é relevante na determinação da forma do sinal. Aliás, diversos processos linguísticos e sociolinguísticos tendem a inibir a natureza icônica dos sinais, tornando-os mais arbitrários. O mesmo pode-se observar nas línguas orais, por exemplo, um relógio não é chamado tic-tac e nem um cachorro au-au. Eles possuem vocábulos próprios para designá-los.

2.1 Inserção da disciplina de língua de sinais no currículo das escolas de surdos

A língua é, entre outras possibilidades, um processo histórico-social; conseqüentemente, sociedade e língua não são vistas de forma independente, pelo contrário, se constituem mutuamente. A Língua de Sinais possibilita ao Surdo a apreensão do mundo exterior e lhe dá condições para entendê-lo e posicionar-se criticamente perante os outros, tornando-se um agente transformador na sociedade. A função da escola e, especificamente da disciplina de Língua de Sinais, deve ser a de colaborar para proporcionar a aquisição de conhecimento cultural, científico e linguístico em relação à Língua de Sinais.

A Escola Especial Concórdia em Porto Alegre do Rio Grande do Sul incorporou em seu currículo a Língua Brasileira de Sinais, em 1997, reconhecendo a importância da disciplina no desenvolvimento da pessoa surda com identidade e cultura surda.

Deste modo, os conteúdos selecionados nesta disciplina e as atividades que constituem o processo ensino-aprendizagem são realizados com o objetivo de resgatar temas que não são trabalhados em outras disciplinas, mas que dizem respeito a aspectos gerais, bem como, específicos da questão da surdez.

A disciplina de Língua de Sinais prevê os seguintes conteúdos, que foram distribuídos em diferentes séries escolares (5ª série do I grau até 4ª ano do II grau):

- Escrita de Sinais (*SignWriting*);
- História do Surdo;
- Cultura Surda;
- A questão do trabalho;
- A questão da cidadania dos Surdos: seus direitos e deveres;
- Surdez e Política;
- Integração dos Surdos;
- Gramática da Língua de Sinais;
- Comunidade Surda (Escolas, Associações, Grupos Teatrais...)

3. A Leitura e a Escrita no Surdo

Atualmente, na linguística, tratando-se do processo de aquisição de leitura e escrita, pode-se observar uma nova perspectiva apontando para a distinção entre a escrita e a fala, considerando uma independência entre as duas. Valentini (1995) em seu estudo afirma que linguistas aceitam que a língua escrita guarda relações com a língua oral, porém não a consideram como uma transcrição da segunda, nem aceitam que a única diferença entre elas seja somente a mudança de meio, visual ou auditivo, em que se expressam. Em outras palavras, conforme Goodman em Valentini (1995), as línguas escritas não são modos de representação da linguagem oral e, sim, formas alternativas e paralelas da língua oral enquanto modos de representar significado.

Ainda, segundo Valentini (1995), quanto à leitura, é afirmada que a informação visual é parte necessária, mas não suficiente. O ato da leitura conta também com informações não-visuais que envolvem a competência linguística do leitor, seu conhecimento sobre o conteúdo do texto e o conhecimento prévio da maneira em que as palavras se integram na linguagem que envolve a gramática e o sentido, ou seja, as antecipações que o leitor realiza constituem um elemento essencial da atividade de leitura.

O processo de aquisição da escrita pelo surdo é pouco conhecido e tem gerado diferentes estudos, tanto para o ensino quanto para o processo de construção da escrita.

Estudos de Sanchez (1991), Marchesi (1991) e Skliar (1987) apontam para o fato de que surdos, filhos de pais surdos, têm apresentado uma performance melhor do que surdos, filhos de pais ouvintes, tanto na leitura como também em outras áreas educacionais. Justificam este fato salientando que pais surdos sinalizam, utilizam uma linguagem adequada para se comunicarem, permitindo, assim, que seus filhos aprendam sua língua na interação. Daí pode-se concluir que, para que se possa aprender uma segunda língua, é necessário, antes, um domínio da própria língua.

As Línguas de Sinais atendem às necessidades de comunicação presencial dos surdos, isto é, as suas necessidades de comunicar com outros surdos quando estão na presença uns dos outros. Quando se trata, porém, da necessidade de comunicação através da escrita, os surdos têm de recorrer à escrita na língua da sociedade falante em que vivem, porque só as

línguas sonoras têm formas estabelecidas de escrita, não havendo ainda formas amplamente aceitas de escrita de sinais.

Do ponto de vista da Cultura Surda, isso significa não só que as relações pessoais entre surdos que são contemporâneos uns dos outros ou os que estão distanciados no espaço, precisam ser mediadas por elementos culturais-comunicativos que não lhe são próprios, mas significa também que, as expressões culturais-comunicativas do surdos de uma época só podem ser registradas em forma escrita através desses elementos, o que implica necessariamente a intervenção de um processo de tradução entre as Línguas de Sinais e falada que estão em questão.

Teatro, narrativas, literatura surda em geral, só podem ser escritos após serem vertidos para uma língua falada, mesmo quando criados originalmente em Língua de Sinais. Os surdos não podem construir sua própria escrita de acordo com sua maneira de sinalizar. A escrita, o poder e a tecnologia são parceiros nas narrativas ocidentais da origem da civilização. A cultura surda está minimamente registrada, porque as coisas que os surdos vivem não conseguem escrever em sua própria língua.

Por isso, é digno de nota o sistema de escrita de sinais denominado *SignWriting*, inventado há cerca de 42 anos por Valerie Sutton, que dirige o DAC (*Deaf Action Committee*), uma organização sem fins lucrativos sediada em La Jolla, Califórnia, USA. Trata-se de um sistema para representar Línguas de Sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações.

O fato de o sistema representar unidades gestuais, e não unidades linguísticas, faz com que ele possa ser aplicado a qualquer Língua de Sinais e não apenas à Língua Americana de Sinais (ASL), a que tem sido mais aplicado. Na verdade, ele tem sido amplamente aplicado a outras línguas de sinais, além da ASL, para vários países.

O *Deaf Action Committee* - DAC patrocinou o desenvolvimento de um programa de computador, denominado *SignWriting*, que possibilita a edição eletrônica de textos em línguas de sinais escrita. Também inclui um conjunto de dicionários contendo traduções de palavras usuais de mais de uma dúzia de línguas faladas, para as línguas de sinais utilizadas nos países correspondentes. Isso ajuda bastante não só na utilização do programa como tal, mas também no aprendizado do sistema *SignWriting*.

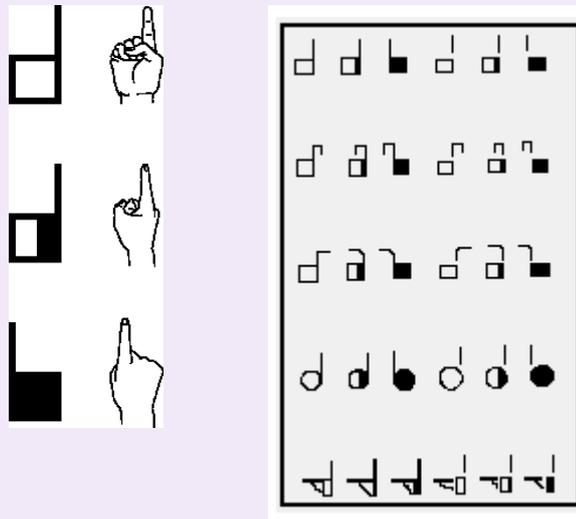
Em agosto de 1996 iniciou um trabalho de pesquisa da escrita de sinais na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. A pesquisa está ligada ao Instituto de Informática da Universidade e é orientada pelo professor Dr. Antônio Carlos da Rocha. A professora Márcia Campos e eu, que sou surda, fomos professoras da Escola Especial Concórdia. Ali contatamos com o DAC que nos forneceu material de estudo. Pesquisamos como desenvolver uma modelagem interna para representar a LIBRAS no computador e usá-la na forma manuscrita.

Desde então, temos pesquisado como transcrever os sinais de LIBRAS para os códigos escritos do sistema *SignWriting* que permite através de glifos visuais para representar as configurações das mãos, seus movimentos, as expressões e os deslocamentos corporais. Esse sistema é definido por três estruturas básicas:

Representação de Configurações Básicas das Mãos em *SignWriting*

Representação no Sign Writing	Configuração de Mão
	
	
	

Representação das variações do grupo 1 em *SignWriting*



Representação de contato em *SignWriting*

Representação no Sign Writing	Contato	Exemplo
*	Tocar	
#	Bater	
*	Entre	

4. Alfabetização em Escrita de Sinais: Relato da Experiência

O processo de ensino-aprendizagem nas aulas de escrita de sinais é um acontecimento considerado como desafio novo que a Escola Especial Concórdia aceitou desde 1997 para aplicar escrita de sinais como ementa na disciplina de Língua de Sinais.

Aqui vai ser um relato de uma experiência de escrita pelos alunos na alfabetização em sua primeira língua (Língua de Sinais) que já foram alfabetizados naquela que normalmente seria sua segunda língua (Português). A maioria destes alunos não foi exposta a sua língua natural desde o nascimento, já que não encontro em meus grupos filhos de pais surdos. São

filhos de pais ouvintes (aproximadamente 95%) e a língua que serviu de comunicação entre eles foi o Português.

Os pais ouvintes, quando tomam conhecimento da surdez do filho, em geral, nunca tiveram contato ou viram um surdo antes e não sabiam da existência da língua de sinais natural dos surdos. A maioria de pais ouvintes obtiveram as informações sobre LIBRAS tardiamente e, por isso, o conhecimento dos surdos em relação a LIBRAS é extremamente variado em função da idade em que começaram a interagir com outros surdos, também da duração e frequência destes contatos.

Neste tempo, antes de ano 2000, não se tinha o reconhecimento da Lei 10.436/02, decreto 5626/05, que foi iniciado no ano de 2002. É tratado sobre os assuntos dos aspectos relativos à inclusão de LIBRAS nos cursos superiores, à formação de professores para o ensino de LIBRAS, à formação de tradutores e intérpretes de LIBRAS e apoio de LIBRAS nos serviços públicos. Após dessa lei, a LIBRAS foi se disseminando na sociedade, incentivando os surdos a receberem informações em muitos lugares.

Como consequência destas situações citadas, os alunos já dominam a escrita do português, porém com muitas limitações, embora o tempo que se dedicam a esta aprendizagem seja maior do que aquele que consta dos currículos das escolas comuns. Em muitos casos, também o desempenho linguístico está em desvantagem ao que seria de esperar da idade cronológica.

Segundo Foucambert (1994), a escrita oferece um campo específico e insubstituível nas mais ricas formas de comunicação humana. A diversidade e qualidade dos livros e jornais o comprovam. Observando um jornal, vê-se que as informações que nele são apresentadas cabem em menos de uma página de um jornal diário. Essas informações foram selecionadas pelos jornalistas que determinam quais e como elas serão apresentadas.

A escrita é, sem dúvida, a mais respeitada, não aquela que expressa mais verdades, mas aquela que dá aos leitores condições de chegar as suas próprias verdades. A escrita é uma ferramenta de comunicação que, por sua natureza, permite construir um modelo teórico a partir do real e expressa a coerência desse modelo inventando as relações entre os elementos.

O recurso de escrita é um momento essencial e específico de qualquer elaboração de um ponto de vista sobre o mundo, um meio de distanciamento e de teorização que permite passar do conjuntural, gerado pelo oral, ao estruturado, expresso pelo texto. O escrever e ler

em língua de sinais, para o surdo, é o caminho natural em todo este contexto. Ou será que para uma criança ouvinte submetida a uma Educação Bilíngue se preconizaria como acertado dar-lhe condições para que lesse e escrevesse em sua segunda língua estabelecendo para sua primeira apenas o papel conjuntural da comunicação presencial e imediata? Na verdade, este fato aconteceu muitas vezes na história da humanidade quando, por razões políticas, populações foram forçadas a esquecer suas línguas naturais ou a usá-las apenas em privado. Sabe-se também, pelas constatações da sócio-linguística o quanto estas populações foram prejudicadas em vários aspectos por tais procedimentos coercitivos.

Depois de aprender o alfabeto, inicio a construção de produção escrita dos surdos realizando um tipo de prática: as redações.

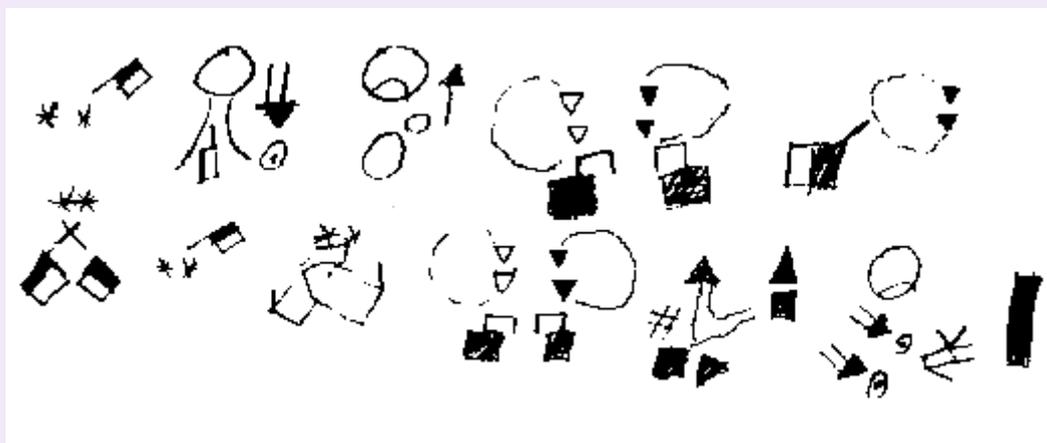
4.1 Redações

Como tema para as redações, usamos experiências próprias que os alunos quisessem relatar, por exemplo, filmes, descrições de passeios, de imagens, etc. No processo criativo de redigir, aparece interferência do português e em outra escrita fica registrada somente a estrutura da LIBRAS. A consequência por ter uma interferência é um processo anterior de alfabetização e estudo do português, pois na escrita de sinais também aparece com a estrutura do português, isto é, as duas línguas que possuem estruturas distintas se misturam. Também aparece a tradução em duas frases da escrita de sinais e português, datilologia em LIBRAS na escrita como empréstimo linguístico do português, prática que é comum na alfabetização inicial quando os indivíduos querem representar de forma escrita, isto é, conectam a língua escrita do português com sua língua nativa.

4.2 Exemplos da produção da escrita de sinais

Nestes quadros, serão apresentados os quatros exemplos diferentes da produção de alunos na atividade de redação, com tradução em LIBRAS e sua respectiva análise.

1. Produção do surdo que escreveu o pensamento em Língua Brasileira de Sinais direto à escrita de sinais.



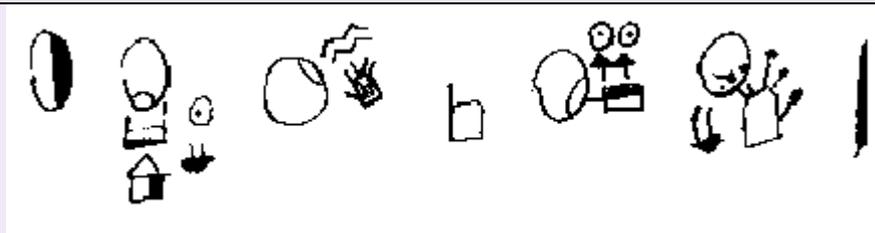
Tradução em LIBRAS:

Eu gosto bom computador importante porque eu estudo computador mais fácil.

Com relação ao uso da LIBRAS no pensamento diretamente ligado à escrita mostra que o surdo já conhece a estrutura da LIBRAS. É muito importante, porque mostra que outros alunos também podem registrar diretamente da LIBRAS sem misturar o português. A escrita de sinais está tão clara e coerente semanticamente para entender que o surdo gosta muito de ter um computador com boa qualidade para ajudar os estudos dele.

2. Produção do surdo que incluiu o artigo definido “o” que ficaria oculto em LIBRAS, e aqui aparece na escrita de sinais.





Tradução em LIBRAS:

O homem sonha uma mulher bonita.

Com relação à interferência, nota-se a estrutura do português pelo artigo definido “o”, que deve ter sido influenciada pela alfabetização anterior e que para a escrita de sinais é desnecessária. Uma possibilidade para registrar a escrita de sinais seria diretamente para “homem sonha uma mulher bonita” e isto é um processo que começa com o desenvolvimento de aprendizagem.

3. Produção do surdo que escreveu uma frase da LIBRAS



Tradução em LIBRAS:

Eu gosto ir namorar

Esclarecendo de como seria a escrita correta do português: “Eu gosto de sair para namorar”. Considerei significativo com o termo de interferência da estrutura do português por conta do sinal “sair”, pois a maioria dos surdos sempre fala “Eu gosto namorar” sem uso de preposição e mais um sinal “sair”. O fato de o aluno acrescentar o sinal “sair”, não quer dizer que não seja a estrutura da LIBRAS, pois se entender que gosta mesmo é de sair para namorar. Se tivesse colocado “de” seria como outro aluno da produção anterior sobre o artigo definido que ficaria oculto em LIBRAS.

4. Produção do surdo com o uso datilologia e preposição em escrita de sinais

Tradução em LIBRAS:
Bom piscina está com sauna para ajuda magra.

O aluno começou a frase pensando em LIBRAS (Bom piscina), porém quando acrescenta mais sinais, faz uma mistura com o português, fato notável devido à datilologia, às preposições e à tradução. Podia usar os sinais “água quente”, mas preferiu usar a palavra “sauna” que o surdo aprendeu com português. A preposição é colocada por sinal “para” pelo pensamento da estrutura do português para uma frase correta. Quanto à tradução, já mostra a interferência bastante forte de duas estruturas de línguas na escrita. A tradução de português foi feita de cada sinal em LIBRAS. Além disso, o sinal de “magra” tem outro significado e é o mesmo de “emagrecer”.

5. Conclusão

Sendo LIBRAS para os surdos brasileiros sua língua natural, a alfabetização deveria acontecer primeiro através da escrita de sinais para depois ocorrer a aquisição/aprendizagem do português que envolve um processo de segunda língua. Em minha experiência o processo está sendo invertido.

Esse processo acontece em um determinado momento de nossa história com pessoas surdas que conseguiram um espaço para trabalhar sua cultura dentro de uma escola. Como estou sentindo esta experiência de construção da escrita de sinais entre professor e alunos é o que quero descrever aqui.

A maioria das pessoas pensa que a Língua de Sinais é mínima, limitada. Para nós surdos é o contrário, a língua portuguesa é sempre menor, sempre se mostra limitada para expressar nossos pensamentos, nossos sentimentos. Para nós, a LIBRAS é que é a completa,

que pode sinalizar, sinalizar e sinalizar em longas conversas. Por isso, os surdos quando se juntam não param mais de se comunicar e comunicar em sinais. Com a escrita em sinais sentimos a mesma coisa.

Aprender os códigos exige um pouco de esforço. Alguns surdos vão aprender a escrever muito bem, outros não. Isto acontece também com o português. Algumas pessoas escrevem muito bem, outras não. Mas todas as pessoas têm o direito de serem alfabetizadas em sua própria língua. É verdade que a aprendizagem da língua primeira, tanto oral quanto escrita, é um processo permanente, que nunca é interrompido durante a vida. Entretanto, é preciso diferenciar um *processo de aquisição da língua* (oral ou escrita) de um *processo de desenvolvimento da língua* (oral ou escrita); este último é que nunca é interrompido.

Referências

BRITTO, Lucinda Ferreira. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UERJ, Departamento de Linguística e Filosofia. 1995.

COSTA, Antônio C. da Rocha; CAMPOS, Márcia de Borba; STUMPF, Marianne Rossi. **Parâmetro Fonéticos de Configurações de Mãos de Língua de Sinais e sua Representação Computacional Simbólica**. Estudo Preliminar. PUCRS. 1996.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KARNOFF, Lodenir Becker. **Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão na Língua Brasileira (LIBRAS)**: estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. Curso de Pós-Graduação em Letras. PUCRS. 1994. (Dissertação de Mestrado).

MARCHESI, Alvaro. “**El Lenguaje de signos en la educación temprana**”, Editorial Cepe, Madrid. 1985.

SANCHEZ, Carlos. **La Educación de los Sordos en un Modelo Bilingüe**. Mérida, Venezuela. 1991.

SKLIAR, Carlos. “**El problema de la integración social temprana en el niño sordo y su influencia en el desarrollo cognitivo global**”, conferencia al III Congreso Mundial del Niño Aislado, Buenos Aires, Argentina. 1987.

SUTTON, Valerie; BATCH, Lucinda O' Grady; CLARK, Kelvin. Lessons in *SignWriting*. 2^a ed. **The Deaf Action Committee for SignWriting**. 1995.

VALENTINI, Carla Beatris. **A Apropriação da Leitura e Escrita e os Mecanismos Cognitivos de Sujeitos Surdos na Interação em Rede Telemática**. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. UFRGS. 1995. (Dissertação de Mestrado).

Recebido em: 30/04/2016

Aceito em: 30/06/2016